

Depois de Mandela

MARCELO DIAS



Foi com extrema alegria e grande orgulho que recebemos, em nosso país, a visita de Nelson Mandela, um dos maiores líderes negros da história da humanidade. Aos 72 anos de idade, recém-eleito

para a presidência do Congresso Nacional Africano (ANC), depois dos longos anos que passou na prisão, ele é hoje, sem dúvida — mais do que uma liderança na luta pela emancipação política do seu povo —, um símbolo universal da resistência contra toda e qualquer forma de opressão e exploração do homem. Por isso, depois de sua visita, devemos refletir sobre a conjuntura internacional e nacional, no que diz respeito à questão racial.

Recentemente, a imprensa de todo o mundo noticiou o desmantelamento do **apartheid**. Isto gerou, automaticamente, uma reação favorável por parte do governo dos Estados Unidos, e o presidente George Bush suspendeu imediatamente as sanções econômicas em vigor desde 1986 contra a África do Sul, entendendo que estaria em curso um processo irreversível de democratização e fim da segregação racial. Assim como os EUA, outros países caminham no mesmo sentido. Convenhamos: o governo racista do presidente da África do Sul, Frederik de Klerk, tem motivos para comemorar.

Na verdade, embora continuem sofrendo pressões internas e externas, o **apartheid** e o domínio colonialista inglês, de minoria branca, ainda não foram destruídos. Fica evidente que o governo do presidente Frederik de Klerk, tentando sair do bloqueio econômico, acena com modificações nas leis do **apartheid**. Mas tais mudanças, na prática, estão longe de atender às necessidades dos negros sul-africanos, que permanecem sem direito a

representação parlamentar, tal como continua vetada a relação cada homem um voto. Os **bantustões**, onde a população negra é segregada, ainda são mantidos, compondo um quadro social temível para a maioria negra.

No Brasil, nós, negros, vivemos a experiência da farsa da Abolição. Passados 100 anos sobre a assinatura da Lei Áurea, continuamos sem terras para morar e cultivar, ocupando favelas e periferias dos grandes centros, explorados, discriminados e, a cada dia que passa, exterminados pela fome, pela violência física tanto na cidade como no campo, não importando se adulto ou criança.

Nesse contexto, setores da burguesia fazem recrudescer em nosso meio a questão da pena de morte. A onda de assassinatos, estupros, assaltos, seqüestros vai servindo de argumento para a realização de um plebiscito e, conseqüentemente, a indução da população para que esta, num clima emocional, vote a favor da pena de morte. Em nenhum momento se discute com o mesmo empenho e repercussão a violência que representa a exigüidade do salário mínimo, o desemprego, a falta de moradia, enfim: a inexistência de uma estrutura social digna para a convivência de seres humanos.

Eis por que a visita de Mandela, com tudo o que o seu nome significa na luta pelos direitos sociais, constitui mais uma grande oportunidade para estreitarmos nossos laços de solidariedade com o povo sul-africano na busca pela libertação nacional, e reafirmarmos, aqui no Brasil, o nosso NÃO ao racismo e à pena de morte, na verdade uma armadilha para toda a sociedade e, em especial, para a comunidade negra, que historicamente sempre foi preferencialmente agredida e violentada.

Que Nelson Mandela nos inspire em nosso compromisso inalienável de prosseguirmos nesta jornada secular, fundamentalmente justa. Axé!

MARCELO DIAS é deputado estadual (PT-RJ)

O Dia 5/8/91